



## A REFORMA URBANA DO RIO DE JANEIRO NAS CRÔNICAS DE JOÃO DO RIO E LIMA BARRETO<sup>1</sup>

Gabriele Rodrigues de Moura<sup>2</sup>  
Karine Lima da Costa<sup>3</sup>  
Roberta Ribeiro Prestes<sup>4</sup>

### Resumo

No final do século XIX e início do XX, o governo do Brasil inicia uma campanha de modernização das cidades, no caso específico do Rio de Janeiro, a urbanização começou a partir de 1902, quando assume a presidência Rodrigues Alves. A cidade colonial fluminense é abandonada, dando lugar a largas avenidas aos moldes da Paris do Barão de Haussmann. Esta reforma urbana, também conhecida como *bota abaixo*, foi marcada pela expulsão de moradores das áreas centrais da cidade, para dar lugar ao espetáculo para a burguesia e, também a uma *revolução urbana*, conhecida como Revolta da Vacina. O Rio de Janeiro tornou-se um rico cenário para literatos e cronistas, como os casos de João do Rio e Lima Barreto. Estes dois escritores retrataram um Rio de Janeiro *ocultado* pelo espetáculo do luxo e da limpeza, que estava sendo imposto a sociedade pelos governantes da cidade maravilhosa.

**Palavras-Chave:** Crônica. João do Rio. Lima Barreto.

### 1. Reforma Urbana e a Revolta da Vacina

No ano de 1902 foi eleito como governador do Brasil, o candidato Rodrigues Alves, assumindo, desta maneira, a responsabilidade de resolver os seguintes problemas: a revolta da Escola Militar, a superprodução de café, o pagamento das dívidas públicas herdadas de governos anteriores. Com a ajuda de Osvaldo Cruz e o prefeito Pereira Passos, se inicia no Rio de Janeiro a política de remodelação urbana, aos moldes da reforma urbana ocorrida em Paris sob os cuidados do Barão de Haussmann, onde a cidade não poderia mais ter as suas ruas estreitas, como eram traçadas no período colonial.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado como requisito parcial para a disciplina de História Cultural do Brasil, ministrada pelo professor doutor Charles Monteiro, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, 2008/1, sofrendo alterações necessárias para a publicação sob forma de artigo.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, com bolsa de Pós-Graduação PROSUP/CAPEs. Possui graduação em História (Licenciatura Plena e Bacharelado) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, tendo sido bolsista dos programas de iniciação científica BPA/PUCRS e BIC/CNPq. E-mail: gabibirmoura@hotmail.com

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Possui graduação em História (Licenciatura Plena e Bacharelado) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, tendo sido bolsista dos programas de iniciação científica PIBIC/CNPq.

<sup>4</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Possui graduação em História (Licenciatura Plena e Bacharelado) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, tendo sido bolsista dos programas de iniciação científica PIBIC/CNPq.

Segundo Nicolau Sevcenko (1998), esta remodelação ficou conhecida como “bota abaixo”, que se baseava na demolição dos cortiços da cidade do Rio de Janeiro. Prossegue o autor salientando que:

No início do século XX a população do Rio de Janeiro era pouco inferior a 1 milhão de habitantes. Desses, a maioria era de negros remanescentes de escravos, ex-escravos, libertos e seus descendentes, acrescidos dos contingentes que haviam chegado mais recentemente, quando após a abolição da escravidão grandes levas de ex-escravos migram das decadentes fazendas de café do Vale do Paraíba, em busca de novas oportunidades nas funções ligadas, sobretudo às atividades portuárias da capital. Essa população, extremamente pobre, se concentrava em antigos casarões do início do século XIX, localizados no centro da cidade, nas áreas ao redor do porto. Esses casarões haviam se degradado em razão mesmo da grande concentração populacional naquele perímetro e tinham sido redivididos em inúmeros cubículos alugados a famílias inteiras, que viviam ali em condições de extrema precariedade, sem recursos de infraestrutura e na mais deprimente promiscuidade (SEVCENKO, 1998, pp. 20-21).

Estes cortiços eram considerados insalubres e, também uma permanente ameaça “à ordem, à segurança e à moralidade” (SEVCENKO, 1998, p. 21), os moradores eram expulsos de suas casas sem direito a ressarcimento (BENCHIMOL, 2003). Com tal medida, o espetáculo da urbanização, notoriamente, era destinado apenas às classes dirigentes, contrapondo-se ao quase total abandono das classes populares, que acabavam sendo “jogadas” para as favelas. Conforme Raúl Antelo (2008):

Na obra de João do Rio, a cidade não é simples espaço ou cenário de transformações. Ela é capital – a capital federal -, representação babélica e monumental da ideologia republicana no auge de seu poder. Assim sendo, nessa cenografia moderna, a rua define a abertura, não só simbólica mas física, em perspectiva, de corredores flanqueados por edifícios laterais, cujas fachadas, a rigor, não mais delimitam volumes fechados e particulares (os do casarão ou palacetes), mas superfícies que, aos poucos circunscrevem espaços vazios e abertos (ANTELO, 2008, p. 7).

Tudo estava destinado a este espetáculo de luxo cultural para a elite da cidade. A partir disto, se fazem críticas sobre as transformações pelas quais a cidade estava passando e, que prosseguiria, tratando das mais diversas formas sobre os aspectos negativos da reforma, dentro da vida da população fluminense.

Esta renegação das classes populares fez com que os trabalhadores urbanos se revoltassem contra a ordem vigente, que era baseada na injustiça social. Na cidade os populares viviam em péssimas condições de vida, geralmente vivendo nos cortiços já citados, onde não havia higienização, alimentação digna, saneamento básico, sistema de coleta de lixo e condições de trabalho. A explosão deste problema, que a reforma urbana ocasionou para as classes populares, acabou gerando uma revolta popular, denominada como *A revolta da vacina*, “de 1904, e é um dos episódios menos compreendidos da história recente do Brasil” (SEVCENKO, 1998, p. 24).

Para resolver as doenças disseminadas pela insalubridade da área central do Rio de Janeiro, em 09 de novembro de 1904, o presidente Rodrigues Alves publicou a lei da vacinação obrigatória e autorizou o higienista Osvaldo Cruz a desencadear a vacinação em massa da população, para deter o surto de varíola. Assim, os agentes de saúde do governo estavam autorizados a invadir casas e, caso fosse necessário investigar se o local era insalubre. Se fosse constatada a insalubridade do local, os agentes poderiam interditar e expulsar os moradores de lá.

O povo, revoltado com esta política, reagiu da pior forma possível e, passou a agredir fisicamente os vacinadores. Com isto, o Rio de Janeiro transformou-se em um campo de batalha, que

do ponto de vista das autoridades as pessoas se revoltaram porque na sua ignorância tinham medo e desconheciam o processo de imunização pelas vacinas.[...] Como a polícia não dava conta de submeter os revoltosos, aos quais os grupos cada vez maiores da população, aterrorizados pelos sistema draconiano da tripla reforma, iam aderindo de forma crescente, foi convocada a Guarda Nacional. [...] Foram então acionados os bombeiros, e a situação permanecia incontrolável. O presidente Rodrigues Alves assumiu o comando da repressão, pondo em ação tropas do exército. [...] Foram então convocadas tropas da marinha, igualmente sem resultado (SEVCENKO, 1998, p. 24).

Depois da ajuda do exército, dos bombeiros, da Guarda Nacional e da marinha, o governo pediu ajuda a reforços vindos de São Paulo e Minas Gerais, para conseguir conter a revolta. Os revoltosos foram presos e mandados para a Amazônia e para o Acre, sendo aqueles que não tinham emprego e moradia fixa presos sem justificativa e degredados sem julgamento.

No final de seu governo, em 1906, a cidade do Rio de Janeiro estava remodelada, as estradas de ferro estavam melhores e as novas construções tomavam conta da velha capital, como o Teatro Municipal, o Palácio Moroe, a Biblioteca Nacional e a remodelação do porto. Foi um período de recuperação financeira que oportunizou grandes empreendimentos públicos, para as elites dirigentes, como os cronistas João do Rio e Lima Barreto retrataram em suas obras.

## **2. A alma encantadora das ruas de uma vida vertiginosa: as crônicas de João do Rio**

Serão trabalhadas duas crônicas de João do Rio: *Pequenas profissões* e *As mariposas de luxo*, procurando fazer uma única análise das mesmas, visando mostrar os relatos do autor sobre a vida social da cidade do Rio de Janeiro durante a urbanização. Primeiramente, na crônica *Pequenas profissões*, de 1904, presente no livro *A alma encantadora das ruas*, João do Rio fala sobre sua vida social na cidade, definido, então, as pequenas profissões, que seriam, em grande parte, feitas por pessoas que não possuíam um ofício, ou seja, as profissões que eram ignoradas. Nas palavras do autor:

O Rio tem também as suas pequenas profissões exóticas, produto da miséria ligada às fábricas importantes, aos adelos, ao baixo comércio; o Rio, como todas as grandes cidades, esmiúça no próprio monturo a vida dos desgraçados. [...] Muito pobre diabo por aí pelas praças parece sem ofício, sem ocupação. Entretanto, coitados! O ofício e as ocupações, não lhes faltam, e honestos, trabalhosos, inglórios, exigindo o faro dos cães e a argúcia dos repórteres (RIO, 2008<sup>5</sup>, pp. 55-56)

E prossegue:

Todos esses pobres seres vivos tristes vivem do cisco, do que cai nas sarjetas, dos ratos, dos magros gatos dos telhados, são os heróis da utilidade, os que apanham o inútil para viver, os inconscientes aplicadores à vida das cidades daquele axioma de Lavoisier; nada se perde na natureza. A polícia não os prende, e, na boêmia das ruas, os desgraçados são ainda explorados pelos adelos, pelos ferros-velhos, pelos proprietários das fábricas... (RIO, 2008, p.56)

No decorrer do texto, João do Rio cita diversos tipos de profissões destes “pobres seres vivos”, dando destaque maior para a profissão de *ratoeiro*, ou melhor, o “caçador de ratos”, que segundo o autor, era “o entreposto entre as ratoeiras das estalagens e a Diretoria da Saúde” (RIO, 2008, p. 58). Além dos *ratoeiros*, existiam pelas ruas, os ciganos, os vendedores ambulantes e, os “caçadores de gatos”, que eram homens que vendiam gatos mortos, logicamente, sem pele, como se fossem lebres, remetendo-nos hoje, ao dito popular “gato por lebre”.

Ao final da crônica, o autor destaca uma realidade da capital, pois, pouco se conhecia das profissões daquela “cidade maravilhosa”. Apenas interessava aos fluminenses, segundo João do Rio,

conhecer muito bem a vida do burguês de Londres, as peças de Paris, a geografia da Manchúria e o patriotismo japonês. A apostar, porém, que não conhece nem a sua própria planta, nem a vida de toda essa sociedade, de todos esses meios estranhos e exóticos, de todas as profissões que constituem o progresso, a dor, a miséria da vasta Babel que se transforma (RIO, 2008, p. 60).

Em *As mariposas de luxo*, do mesmo livro, datada de 1907, João do Rio se refere às mulheres pobres que desejam o luxo ao olhar as vitrines das lojas, diariamente, quando voltavam para casa. Descreve o autor:

As duas raparigas curvam-se para a montra, com os olhos ávidos, um vinco estranho nos lábios. Por trás do vidro polido, arrumados com arte, entre estatuetas que apresentam pratos com bugigangas de fantasia e a fantasia policroma de coleções de leques, os desdobramentos das sedas, das plumas, das *guipures*, das rendas... (RIO, 2008, 154).

---

<sup>5</sup> O ano de 2008 refere-se a edição de *A alma encantadora das ruas* utilizada para a produção do trabalho e, conseqüentemente, do artigo.

Nas ruas, onde passavam as mulheres ricas, também passavam as pobres, e as vitrines luxuosas enchiam de desejo a todas elas, diferenciando-as apenas pelas roupas e costumes, mas não pelo anseio em ter as jóias e os artigos de valor. E prossegue o autor:

Já passaram as *professional beauties*, cujos nomes os jornais citam; já voltaram da sua hora de costureiro ou de joalheiro as damas do alto tom; e os nomes condecorados da Finança e os condes do Vaticano e os rapazes elegantes e os deliciosos vestidos claros airosamente ondulantes já se sumiram, levados pelos 'autos', pelas parelhas fidalgas, pelos bondes burgueses. A rua tem de tudo isso uma vaga impressão, como se estivesse sob o domínio da alucinação, vendo passar um préstito que já passou. Há um hiato na feira das vaidades: sem literatos, sem *poses*, sem *flirts*. Passam apenas trabalhadores de volta da faina e operárias que mourejam todo o dia (RIO, 2008, pp. 154-155).

E prossegue, falando sobre as trabalhadoras:

As raparigas ao contrário: vêm devagar, muito devagar, quase sempre duas a duas, parando de montra em montra, olhando, discutindo, vendo. [...] Elas, coitadas! Passam todos os dias a essa hora indecisa e parecem sempre pássaros assustados, tontos de luxo, inebriados de olhar. [...] A mocidade dá-lhes a elasticidade dos gestos, o jeito bonito do andar e essa beleza passageira que chamam – do diabo. Os vestidos são pobres: saias escuras, sempre as mesmas; blusa de chitinha rala. Nos dias de chuva um parâgua e a indefectível pelerine. Mas essa miséria é limpa, escovada (RIO, 2008, p. 155).

Ao descrever as “mariposas de luxo”, João do Rio procura deixar claro que essas mulheres trabalhadoras, apesar de pobres, eram limpas e suas roupas, mesmo sendo as mesmas todos os dias, estavam sempre sem nenhuma poeira. Observação importante que o autor faz, pois na crônica anteriormente comentada, *Pequenas profissões*, ele descreve os miseráveis e os maltrapilhos, diferentes destas mulheres que de alguma maneira tentavam sempre se mostrarem bem vestidas.

Se pensar nessas duas crônicas no contexto do Rio de Janeiro daquela época, João do Rio vai apresentar uma realidade social que não era conhecida pela burguesia da cidade. Esta, porém, é apresentada pelo autor com olhos distantes e não de alguém que estava inserido dentro da realidade apresentada. Buscava-se naqueles anos, mostrar um Rio de Janeiro ilusório, rico, limpo, bonito, com lojas e pessoas luxuosas e, não favelas com moradores maltrapilhos e muito menos os “caçadores de ratos”, os ciganos mal vestidos vendendo “bugigangas” na rua. Pois, seriam exatamente estes *esquecidos* que João do Rio apresentaria em seus textos.

### **3. Toda crônica de Lima Barreto**

As crônicas de Lima Barreto, dentro do contexto da reforma urbana, a qual o Rio de Janeiro estava passando na época, nos mostra o espetáculo que esta urbanização era para

as classes dirigentes, contrapondo-se ao quase total abandono das classes populares, que acabavam sendo jogadas para as favelas. Relata Lima Barreto:

A minha alma é de bandido tímido, quando vejo desses monumentos, olhos, talvez, um pouco, como um burro; mas, por cima, de tudo, como uma pessoa que se estarrece de admiração diante de suntuosidades desnecessárias [...] O Estado tem curiosas concepções, e esta, de abrigar uma casa de instrução, destinada aos pobres-diabos, em um palácio intimidador, é uma das mais curiosas (BARRETO, 1915, s/p.).

Assim, Lima Barreto escreve em sua crônica sobre a mudança da sede da Biblioteca Nacional, “para a Avenida e ocupou um palácio americano” o seu novo prédio suntuoso, que afastava as classes mais populares que tinham algum grau de instrução, tornando-se um espetáculo de luxo cultural para a elite da cidade. Pois, “a velha biblioteca era melhor, mais acessível, mais acolhedora, e não tinha a empáfia da atual [*Os leitores da nova biblioteca*] Quero crer que sejam tristes homens desempregados, que fossem procurar no invisível, sinais certos da sua felicidade ou infelicidade, para liquidar a sua dolorosa vida”. (BARRETO, 1915, s/p.)

Foram desse jeito que se elaborou as críticas sobre as transformações pelas quais a cidade estava passando e, que prosseguiu, relatando das mais diversas formas sobre os aspectos negativos da reforma urbana, dentro da vida da população fluminense. Durante a crítica, o autor faz menções a fatos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro, como as diferenças entre certos tipos de anúncios de jornais e os tipos de influências que estes vinham a ter entre as pessoas, em geral.

O assunto prossegue com a análise da crônica *Leitura de Jornais*, de 1921, onde Lima Barreto propõe-se a retratar os aspectos ruins da reforma urbana, comparando os dirigentes da cidade, no caso o prefeito Carlos Sampaio devido ao novo “bota abaixo”, com os sultões árabes, por estarem muito mais voltados aos seus próprios interesses do que aos da população, que seriam mais urgentes:

A nossa origem divina, ou melhor, a origem divina dos nossos dirigentes não lhes permite ter dessas cogitações práticas e comuns de casas para os desafortunados. Não seria possível que o sultão de Mossul fosse se preocupar com casas para seu povo; mas, quando a bexiga irrompe, sabe ele da existência de uma plebe necessitada na sua capital, e, então, manda-a vacinar a toda pressa, sob pena de cortar a cabeça os recalcitrantes, com medo que a difusão da peste venha a enfear as sultanas do seu mimo (BARRETO, 2004<sup>6</sup>, p. 338).

Lima Barreto afirma que a reforma urbana e a higienização estavam destinadas apenas aos interesses da elite, que vivia em ótimas condições de vida, coisa que não acontecia com as classes populares. Segue o autor:

Não há dúvida alguma que o embelezamento das cidades sobreleva as questões de higiene e de assistência que elas também reclamam. É isto

---

<sup>6</sup> O ano de 2004 refere-se à edição de *Toda crônica* utilizada para o trabalho.

que se tem visto em toda a parte, principalmente nas capitais de tiranos asiáticos, onde se erguem monumentos maravilhosos de mármore e ouro, de ônix e porcelana, de ouro e jaspe, em cidades que não tem água nem esgotos e o grosso da população habita choupanas miseráveis (BARRETO, 2004, p.337).

Ainda, na crônica, compararia o plano de urbanização do Rio de Janeiro (disposto apenas aos interesses burgueses) ao de Buenos Aires (mais preocupado em dar condições de vida mais decentes aos populares, construindo casas a eles), da seguinte maneira:

Buenos Aires que não nos deixa dormir, tendo lá cousa semelhante, tratou de acabar com tão pitorescas excrescências. Que fez? Construiu pistas ou arenas de jogos atléticos? Não: construiu casas [...] Está se vendo por aí que os nossos vizinhos não têm o espírito olímpico; mas, uma alma cheia de baixas e subalternas preocupações burguesas (BARRETO, 2004, p. 338).

A imagem que o prefeito queria construir com a demolição do Morro do Castelo, em 1922, de uma cidade do Rio de Janeiro completamente bela e, distante de toda a primitividade e insalubridade de tempos passados, é completamente descartada ao ler as crônicas de Lima Barreto. Nestas crônicas, pode ser percebido um *outro* Rio de Janeiro, bem distante do que era mostrado para o mundo, mas aquele que era das pessoas que moravam na cidade e acompanhavam os desmandos do governo dia a dia.

### **Considerações finais**

Cada crônica é filha de seu tempo e se associa a ele de uma maneira fabulosa. Sua forma, quase sempre ligeira, está completamente marcada pelo cotidiano a que se refere e, é, por isso, que hoje, as crônicas são alvos de análises minuciosas por parte de historiadores. A escrita da crônica ganha sempre um tom memorialístico e o cronista ganha ares de historiador de sua época, apresentando-se como um verdadeiro homem de seu tempo. Tal fato, possibilita analisar crônicas como as de João do Rio e Lima Barreto sob a ótica dos historiadores, porque elas se configuram como um registro, fiel ou não, do passado. É a cidade destes homens que está sendo descrita por eles, que vivenciaram as transformações daquele determinado momento, ao qual estavam relatando.

João do Rio era, inegavelmente, um cronista de mão cheia. Freqüentador de vários lugares, vivenciava os fatos que descrevia, enfatizando, principalmente, a questão da pobreza que assolava o Rio de Janeiro de sua época. Este autor, poderia ser visto como uma espécie de narrador-repórter, que, ao invés de ficar dentro da redação esperando a notícia, ia atrás dela, vivenciando-a. Por isso, suas crônicas tem uma interessante capacidade de lançar sobre o homem moderno um olhar sociológico e poético a respeito daquela realidade.

Lima Barreto destacava-se pela própria trajetória pessoal e literária, ambas repletas de uma revolta denunciativa frente a uma sociedade racista e hierarquizada em torno de

valores completamente excludentes. O sentimento de exclusão refletia-se em toda a obra deste escritor. O importante, para compreender estas denúncias que são lançadas em suas crônicas, é saber que a história das minorias também serve para uma análise histórica acurada deste período, visto que, em suas crônicas, Lima Barreto mostrava sua visão sobre o processo de modernização do Brasil, não apenas sob a ótica da classe dominante.

No Rio de Janeiro, no período de passagem do século XIX para o século XX, o espaço urbano era marcado pelo convívio da pobreza e o luxo em *perfeita* harmonia. Os jornalistas da época, não estavam muito preocupados em descrever este paradoxo, importando-se apenas em encher páginas de jornal com elogios sobre as reformas e denúncias contra aqueles que não eram *adequados* a elas. Por isso, a importância de homens como João do Rio e Lima Barreto deve ser reconhecida, pois as crônicas de ambos servem para uma análise muito rica e realista do cenário fluminense deste período.

### Referências

BARRETO, Lima. Toda Crônica. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

BENCHIMOL, Jaime. Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília A. N. (orgs). Brasil Republicano 1. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 233-277

COSTA, Lígia Militz. Representação e Teoria da Literatura – dos gregos aos pós-modernos. Cruz Alta: UNICRUZ, 2001

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: UNICAMP, 1996.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Trad. Alain François (et. al.). Campinas : Editora da UNICAMP, 2007.

RIO, João do. A alma encantadora das ruas: crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. História da Vida Privada no Brasil 3, República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Cia das Letras, 1998.